

**CONTRA O AUMENTO DO CUSTO DE VIDA
POR MELHORES SALÁRIOS
AS LUTAS DA CLASSE OPERÁRIA**

Greves como as dos camponeses da região de Alpiarça e Almeirim, as dos trabalhadores da Indústria Electrónica, da Sorefame, da Robiallac, as grandes Assembleias Sindicais como as dos Metalúrgicos (caso de Coimbra onde reuniram cerca de 700 trabalhadores) mostram que a classe operária está cada vez mais organizada e decidida a lutar pela melhoria das suas condições de vida e se encontra na vanguarda da luta contra o aumento do custo de vida.

Recentemente as greves, paralisações e outras formas de luta têm-se repetido e generalizado, sendo de destacar as greves gerais dos operários vidreiros da Marinha Grande, as greves dos Metalúrgicos do Ribatejo (um dia e meio na Metalúrgica Duarte Ferreira-Tramagal, paralisações em várias empresas), a greve dos metalúrgicos da Fábrica "União Tomé Feiteira" em Vieira de Leiria.

A característica principal destas lutas é o seu alargamento a várias zonas do país, o carácter organizado das mesmas, abrangendo conjuntamente várias categorias profissionais (material electrónico, vidreiros, metalúrgicos).

A LUTA ESTUDANTIL AO LADO DA LUTA DA CLASSE OPERÁRIA

INCENTIVAR AS ACÇÕES DE SOLIDARIEDADE

SOLIDARIEDADE COM OS TRABALHADORES DA EMPRESA "UNIÃO TOMÉ FEITEIRA"

que responderam no dia 5 de Fevereiro, de manhã, com paralisação total do trabalho às propostas patronais de aumento de 25% em 1974 e 10% em 1975 se os trabalhadores se consideram sem desvinculados do Contrato Colectivo dos Metalúrgicos e dos benefícios que dele advêm. À hora de almoço desse dia, Tomé Feiteira fechou a fábrica. Três dias depois chama ao trabalho 150 operários das pequenas secções para ter o mínimo em funcionamento.

Há entretanto acções de solidariedade na Fábrica Portuguesa de Limas sob a forma de paralisações, a que se segue "loc-out" do patronato, e normalização da situação dessa fábrica 2 ou 3 dias depois.

A fábrica "União Tomé Feiteira" tem 600 operários. Até ao dia 22 de Fevereiro, as pequenas secções a que atrás se aludiu estiveram parcialmente em funcionamento, todavia, a partir desse dia, desde as 6, 0 da manhã piquetes de greve feitos pelas mulheres tornam a paralisação total. Entretanto, os trabalhadores cumprem o horário de trabalho à entrada da fábrica onde também se encontram forças da G.N.R.

No dia 21 foi apedrejado o automóvel de Tomé Feiteira, e os trabalhadores fazem parar os automóveis que circulam por Vieira de Leiria dando informações da luta. O papel do INTP tem sido o de apoiar mais ou menos veladamente as posições do patronato que são:

(declaração que Tomé Feiteira quer fazer assinar aos trabalhadores)

" Eu,, operário metalúrgico, abaixo assinado declaro de livre vontade que, tendo sido despedido com justa causa nos termos do disposto no despacho de 18/12/42 e art. 2º do Dec. Lei nº 23870 de 18/5/1934, alterado pelo Dec. Lei nº 24836, de 2/1/35, por ter tomado parte activa na paralisação total do trabalho na fábrica da empresa de Limas União Tomé Feiteira, Lda. aos 5/2/74 e, tendo solicitado a minha readmissão, concordo com as condições que me são propostas a saber: perda da antiguidade relativa à relação ou relações de trabalho com a Empresa anteriores à greve; cumprir integralmente os deveres que me são impostos por lei, comprometendo-me à prestação do trabalho com zelo, lealdade, assiduidade e respeito para com os superiores hierárquicos e companheiros de trabalho, a manter como mínima a média de produção do último semestre; não voltar a tomar parte activa ou passiva em quaisquer actos ilícitos atentórios dos interesses da Empresa e da Economia Nacional; aceitar a prestação de trabalho sem qualquer aumento de remuneração em relação à anterior ao meu despedimento, salvo quando imposta por via contratual, via administrativa ou como aumento voluntário ou de mútuo acordo feito com a entidade patronal.

Vieira de Leiria,

ASS, " "

Como único comentário, pois este documento não parece necessitar dele, basta dizer que o interesse de Tomé Feiteira consiste em despedir 100 ou mais trabalhadores, eximindo-se às indemnizações. Aliás já em 1971 e 1972 houve despedimentos colectivos na "União Tomé Feiteira". Efectivamente, antes do actual CCT entrar em vigor e sob os mais diversos pretextos, aquela empresa resolveu despedir centenas de trabalhadores.

Desenvolvem-se acções de solidariedade com os trabalhadores em luta, cuja combatividade apenas pode ser abalada pela fome.

O Conselho Geral da Federação dos Sindicatos Metalúrgicos, reunindo com representantes de 11 sindicatos decidiu:

- apoiar os trabalhadores metalúrgicos da Feteira
- Condenar a atitude do patrão
- Pedir uma audiência ao ministro para exigir uma solução justa e que defenda os interesses daqueles.
- Fazer uma recolha de dinheiro a nível nacional, entre todos os metalúrgicos do país.

Uma Assembleia Geral de metalúrgicos em Lisboa, onde estiveram presentes 2,000 trabalhadores recolheu 25 contos nesse mesmo dia. De registar também o apoio da população e de comerciantes de Vieira de Leiria que têm fornecido alimentos aos trabalhadores e familiares.

A CDEC apela aos ^{e a toda a população} estudantes de Coimbra para que prestem todo o apoio possível aos trabalhadores da Feteira, quer sob a forma de dinheiro, quer de géneros, e para que desenvolvam activamente a solidariedade com as lutas da classe operária.

A CDEC enviou oportunamente ~~os~~ operários de Vieira de Leiria o seguinte telegrama: " Estudantes de Coimbra saúdam valentes trabalhadores metalúrgicos Vieira Leiria desenvolvendo esforços efectivo auxílio."

Coimbra, 27 de Fevereiro de 1974.

COMISSÃO DEMOCRÁTICA DOS ESTUDANTES DE COIMBRA.